

INOVAÇÃO-TRADIÇÃO-GLOBALIZAÇÃO
das ciências modernas à descoberta do mundo
TERRITORIALIZAÇÃO CIENTÍFICA DA AMAZÔNIA (SÉCULOS XVIII-XXI)

Ana Luísa Janeira (Universidade de Lisboa)

Só pelo facto de ter criado condições de viabilidade para uma dinâmica que inscreveu inexoravelmente a responsabilidade científica no mapa da Amazônia, a Eco92 passou à História, numa dimensão mundial.

Senão vejamos: a problemática do futuro do planeta, da biodiversidade, das espécies em extinção, da biosfera em perigo, da erosão dos solos, da desflorestação inconsciente passa agora por aí.

Como passam, as questões relacionadas com os tentáculos capitalistas, as estruturas financeiras, os poderes ideológicos, que manejam as hipóteses de solução ou as saídas para a crise, do envergonhado sustentável ao ousado sustentado. Se este fenómeno, por onde a globalização também deixa marcas, é novo pelas suas coordenadas espaço-temporais, está longe de ser algo sem passado.

Na verdade, a Amazônia provocou, desde a primeira perplexidade e o choque imediato, situações requerendo a intervenção imediata das ciências, estímulos para a globalização, com forte intensidade a partir do século XVIII:

- populações - tão estranhas que até lembraram as lendárias amazonas;
- o maior rio - percurso enigmático para olhos europeus habituados a orientações cardeais opostas;
- afluentes – com dimensões demasiado empoladas para os nossos hábitos;- florestas – surpreendentes pelas imensas riquezas visíveis e invisíveis; -,fronteiras, extensas como nunca as imagináramos;

Desafios e lutas que inscreveram o território como campo especial de descoberta no Novo Mundo.

Obrigando para isso, à acção de muitas multidões de anónimos:

- povos indígenas indiscriminados, aventureiros nómadas sem fim, colónias sedentarizadas de garimpeiros, comerciantes e seringueiros, com os seus saberes, as suas práticas e as suas técnicas. A não esquecer.

E à presença de uns tantos viajantes-cientistas que quebraram o anonimato: - Francisco Orellana, Charles-Marie La Condamine, Frei Cristóvão de Lisboa, Alexandre Rodrigues Ferreira, Alfred Russel Wallace, Henry Walter Bates, Elisabeth e Louis Agassiz, Charles Frederik Hartt, Y. d'Evreux, A. Colbacchini, K. Oberg, Edgar Roquette-Pinto, Emile Auguste Goeldi, Carlos Chagas, Claude Lévi-Stauss, Graziela Barroso, Margaret Mee.

E não foi só quem andou por lá e deixou obra. Foi o modo como multiplicaram as influências - via Montaigne, via Rousseau e Montesquieu - no pensamento político e social que cimentou as linhas maiores da civilização que nos viu nascer.

Como será exemplificado, esta «carto-grafia» foi sendo, e continua a ser construída, com planos de gentes oriundas de variadas partes e ligadas às não menos variadas ciências modernas.

UM OLHAR EPISTEMOLÓGICO

apreciando

Um outro olhar. Diário da Expedição à Serra do Norte de Luiz de Castro Faria¹

Apesar do conjunto ter cariz interdisciplinar, este texto move-se no espaço da Filosofia. Património que permite pensar e reflectir com rigor, quando acolhe a capacidade de questionar o passado e o presente, como riqueza de uma longa tradição.

Mais particularmente, toma como lugar

as intercepções e as brechas da Filosofia das Ciências.

A História e a Filosofia das Ciências: visibilidades e ocultamentos de agentes, instituições e teorias

Como as demais configurações epistemológicas, a área da História e Filosofia das Ciências enferma de modelos descritivos e interpretativos sujeitos a apriorismos ideológicos, das ideias feitas às modas. Estas fragilidades discursivas, que não podem ser iludidas em nome de qualquer neutralidade, manifestam várias tendências, apelando, inclusive, para estratégias pseudo-científicas. Como o favoritismo concedido ao apregoado dualismo do centro-periferia. Em favor do primeiro termo, obviamente.

O qual tem influenciado leituras havidas de biografias, teorias, instituições e metodologias científicas. Curiosamente, ou até não, porque o servilismo também reina aqui, aqueles de quem poderíamos esperar posições contrárias também pecam por uma memória distorcida, não dando visibilidade a acontecimentos, figuras, avanços ou sucessos nos sócios do nosso esquecimento. Refiro-me a investigadores que operam dentro do chamado Segundo ou Terceiro Mundo, sob o jugo do eurocentrismo, alargado ao norte-americanocentrismo. Estão dominados por falsas ideias do tipo: há áreas geográficas condenadas historicamente a produzir ciências de segunda ou ciências em segunda mão.

Como se fosse possível conceber um critério hegemónico de historização, um privilégio imutável de novidade, ao definir as regras da temporalidade que sincronizariam as ciências numa frequência única, e estipulando uma uniformização histórica com uma mesma ordem de periodicidade.

Por isso, vale mesmo a pena trazer para aqui esta citação forte feita por Frederico Morais, *Reescrevendo a História da Arte Latino-Americana*, no site

<http://w1.461.telia.com/~u46103777/Textos/hcas/h23/Morais.html>:

“Com efeito, segundo Nelly Richard, [...] “Em função disso, as culturas periféricas dificilmente conseguem reverter estes processos que as condenam a ser apenas receptoras de mensagens alheias tornando-se, assim, culturas meramente subscritoras dos valores imperantes, culturas de reprodução e duplicação, de recorte e transposição””, *apud*

Continuando, o que não haverá nas ciências a merecer um reparo assim: “Angel Kalenberg, citando Ortega y Gasset, mostra como determinados movimentos vão se distanciando progressivamente do centro até alcançarem os países periféricos, onde passam por um processo de transformação ou revificação. Renovados, os produtos importados são devolvidos à metrópole em versões heterodoxas. Pode-se falar, aqui, de culturas transplantadas, como é o caso do Barroco de Minas Gerais (Brasil) e o Barroco andino, e de retroinfluências.”²

Por isso, aquando da minha última estada por terras brasileiras, fui muito particularmente tocada por dois exemplos, sinais de mudança:

- Luiz de Castro Faria – *Um outro olhar. Diário da Expedição à Serra do Norte*. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul Editora, 2001.

Apesar de ter sido definida desde o princípio como uma expedição mista (franco-brasileira), só agora surge a possibilidade de fazermos o contra-ponto daquilo de que só tínhamos o ponto, através do celebrado e sempre interessante livro de Claude Lévi-Strauss – *Tristes Tropiques*, Paris, Plon, 1955.

Evento que se traduz num belo album, enquadrado por estudos rigorosos e editado com uma cuidada e estética apresentação.

- Ildeu de Castro Moreira – *O escravo do Naturalista*. “Ciência Hoje”, Rio de Janeiro, 31, (184), jul. 2002, 40-48.

O reconhecimento bem documentado do papel dos indígenas - acompanhantes, carregadores e guias – enquanto elementos dos grupos expedicionários. Na verdade, foram eles quem não só garantiu condições para a sua viabilidade física, como também lhes forneceu muita sabedoria e saberes autóctones. Enquanto isso, a historiografia dominante continua a repetir lembranças só para os notáveis: Augustin François de Saint-Hilaire, Jean de Léry, Hasn Staden, André Thevet, Alexander von Humboldt e Aimé Bonpland, Charles Darwin, entre outros.

Assim, a dualidade referida tem favorecido o acento em dualidades não menos enganosas: maiores-menores, famosos-comuns, ocultos-ignorados.

Acontecendo que a tendência geral joga sempre no sentido de ressaltar os heróis em desfavor dos discretos, anonimato que equivale a lacunas e a vazios desvirtuadores da narrativa histórica.

Isto vindo a ser possível, apesar dos registos de mostrarem diversificados, no tempo:

“O estudo da iconografia e da literatura produzidas pelos viajantes estrangeiros no decorrer do século XV ao XIX revela a mudança de enfoque do olhar sobre nossa gente, fauna e flora, constituindo uma revisão da imagem do país.

A iconografia produzida no século XVI manifesta, muitas vezes, um processo de construção de imagens geradas pelas crônicas e não representações reais. Além de mostrar todo o exotismo da fauna e da flora, do ponto de vista do europeu, as obras foram responsáveis pela formação da imagem do índio americano. O canibalismo é cena freqüente desse imaginário.

Durante o período de ocupação dos holandeses no Nordeste, entre 1636 e 1645, o governador Maurício de Nassau contratou uma comitiva de artistas, dentre os quais pintores e desenhistas, com o objetivo de registrar e documentar diferentes aspectos da vida brasileira. Nessa produção, destacam-se as paisagens que retratam vistas panorâmicas, portos e fortificações de Frans Post, e os tipos etnográficos e exóticos de Albert Eckhout.³

“O estudo da iconografia e da literatura produzidas pelos viajantes estrangeiros no decorrer do século XV ao XIX revela a mudança de enfoque do olhar sobre nossa gente, fauna e flora, constituindo uma revisão da imagem do país.

A iconografia produzida no século XVI manifesta, muitas vezes, um processo de construção de imagens geradas pelas crônicas e não representações reais. Além de mostrar todo o exotismo da fauna e da flora, do ponto de vista do europeu, as obras foram responsáveis pela formação da imagem do índio americano. O canibalismo é cena freqüente desse imaginário.

Durante o período de ocupação dos holandeses no Nordeste, entre 1636 e 1645, o governador Maurício de Nassau contratou uma comitiva de artistas, dentre os quais pintores e desenhistas, com o objetivo de registrar e documentar diferentes aspectos da vida brasileira. Nessa produção, destacam-se as paisagens que retratam vistas panorâmicas, portos e fortificações de Frans Post, e os tipos etnográficos e exóticos de Albert Eckhout.”

Como nota Nereide Santa Rosa⁴:

“Frans Post e Albert Eckhout foram os artistas holandeses que vieram junto com Mauricio Nassau... Repare na amplidão dos espaços, nos detalhes, e no horizonte desta obra de Post [Paisagem com construção, sem data]. Parece até que os artistas usavam luneta para enxergar tão longe!

Eles foram considerados os primeiros paisagistas do Novo Mundo. Eles buscaram registrar o cotidiano de um país recém-descoberto pala Europa. O povo e seus costumes, os indígenas, e principalmente as paisagens tropicais, eram imagens exóticas para os olhares europeus. Repare no grupo de pessoas que aparece nesta obra de arte [Tropical Landscape, 1649], na sua postura, e até mesmo nas suas roupas. O artista não lhes dá destaque, ele está preocupado em inseri-las na paisagem. Vemos um critério amplo, com detalhes importantes como o horizonte, a vegetação, as palmeiras, elementos particularmente interessantes para os europeus.

No ano de 1644, Maurício de Nassau foi expulso pelos portugueses, e os artistas retornaram à Holanda, onde continuaram a pintar as lembranças que tinham do Brasil. As obras de arte desse período mostram representações do Brasil com uma certa dose de imaginação do artista, fruto das recordações de viagem. Além de serem influenciadas pelo Barroco, movimento artístico que predominava na Europa, nessa época.”

Processo materializado, em mais de três séculos, sob a forma de apontamentos, escritas e imagens, acumuladas com persistência.

Ficaram diários - de viagem, de bordo, de campo – ou cadernos de campo.

Ficaram ainda muitos inventários e relatórios científicos.

Ficaram também livros e uma colecção tão reputada como a Brasileira, livros sobre o Brasil escritos por viajantes dos séculos XVI ao XIX, e livros escritos nos períodos colonial e imperial, obras de grande interesse para a pesquisa: histórica, económica, política, etnográfica, etc..

BIBLIOGRAFIA

REGISTOS DE VIAGENS SEGUNDO MODELOS DIFERENCIADORES

Conjugando os dados reunidos, proponho uma classificação com a sequência seguinte:

Modelo naturalista

- Alexandre Rodrigues Ferreira a quem Acompanharão os Desenhadores Joseph Joachim Freire e Joachim Joseph Codina E o Jardineiro Botânico Joaquim Agostinho de Cabo, *Roteiro Das Viagens que fez Pelas Capitanias Do Pará, Rio Negro, Mato grosso e Cuiabá*. Lisboa, Biblioteca da Ajuda, c. 54-XI-27, nº15, na.1783, ms..

- “Expedição Filosófica do Pará de que hé Naturalista o Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira, os Riscadores, José Codina, e José Joaquim Freire, e Agostinho do Cabo, Jardineiro Botânico, o qual partio aos 14 de julho de 1783. Relação do que levou o ditto Naturalista deste Real Gabinete de Ajuda”, Lisboa, Museu Bocage, Maço 5, nº 7.

- FERREIRA, Alexandre Rodrigues - *Viagem Filosófica pelas capitanias de Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá (1783-1792)*. Texto - 2 vols., Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura, 1972-1974. Gravuras - 2 vols., São Paulo, Editora Monumental, 1971.

Modelo militar

- RONDON, Cândido Mariano da Silva – *Comissão Rondon*, nº 43, Rio de Janeiro, 1916.

Modelo etnográfico

- FARIA, Luiz de Castro – *Pesquisa Etnológica sobre habitação, Rio de Janeiro, 1943. Monografia apresentada ao concurso para a carreira de Naturalista do M.E.S. Divisão de Antropologia e Etnografia – Secção Etnografia e Arqueologia*.

- FARIA, Luiz de Castro – *Um outro olhar. Diário da Expedição à Serra do Norte*. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul Editora, 2001.

- LÉVI-STRAUSS, Claude – *Tristes Tropiques*, Paris, Plon, 1955.

- ROQUETTE-PINTO, Edgar – *Rondônia*. 4ª ed., Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional, 1935.

Modelo médico-sanitário e ambiental

- PROJETO SAÚDE E ALEGRIA – <http://www.saudeealegria.org.br>

- FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, “Manguinhos”, Rio de Janeiro – consultar <http://www.fiocruz.org.br>

OUTROS TEXTOS

- ALLONSO-GOLDFARB, Ana Maria; MAIA, Carlos A. (orgs.) - *História da ciência: o mapa do conhecimento*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1995

- ALMEIDA, Luís Ferrand de - *Páginas Dispersas. Estudos de História Moderna de Portugal*. Coimbra, Faculdade de Letras, 1995.

- BAP, “Solicitação de 12 de Setembro de 1795”. Códice 622, *apud* Arthur Cezar Ferreira Reis, “O Jardim Botânico de Belém”. In “Boletim do Museu Nacional. Botânica”, Rio de Janeiro, (7), Set. 1946, p. 14.

- BRANDÃO, Ambrósio Fernandes - *Diálogos das Grandezas do Brasil*. Rio de Janeiro, Dois Mundos Editora, [1943].

- *Breves instruções aos correspondentes da Academia das Ciências de Lisboa sobre as remessas dos productos e notícias pertencentes à Historia da Natureza para FORMAR HUM Museo Nacional*. Lisboa, Regia Officina Typographica, 1781.

- BROTERO, Felix de Avellar – “Catalogo geral de todas as Plantas do Real Jardim Botânico d Ajuda distribuidas segundo o Systema de Linneo, da edição do D.or Wildenow”, Lisboa, Instituto Superior de Agronomia. Biblioteca, s.d., ms..

- CARVALHO, J.A.S – *Memoria historica da Faculdade de Philosophia*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1872.

- CARVALHO, R. de – *A História Natural em Portugal no século XVIII*. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987.

- DELAPORTE, F. – *Le second règne de la nature*. Paris, Minuit, 1979.

- DELEAGE, Jean-Paul - “Histoire de l'écologie. Une science de l'homme et de la nature”. Paris, Editions La Découverte, 1991.

- DOMINGUES, Heloísa Maria Bertol Domingues, *El Jardín Botánico do Rio de Janeiro y los Intercambios Internacionales*. Comunicação ao Coloquio Materia Médica, Terapéutica y Farmacia Intercontinental, Puebla, 1996.

- DROUIN, Jean-Marc - *L'Ecologie et son histoire. Réinventer la Nature*. Paris, Flammarion, 1993.

- FERNANDES, A. - *História da Botânica em Portugal até finais do século XIX*. In “História e desenvolvimento da ciência em Portugal”. vol. 2, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1986, 851-916.

- FERRÃO, J.E.M. - *A influência portuguesa na difusão de plantas do mundo*. 2ª ed., Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, 1980.

- <http://www.fiocruz.org.br>

- FOUCAULT, M. - *Les mots et les choses: une archéologie des sciences humaines*. Paris, Gallimard, 1966.
- FOUCAULT, M. - *L'ordre du discours*. Paris, Gallimard, 1971.
- GONÇALVES, Maria da Conceição Osório Dias - *O Índio do Brasil na Literatura Portuguesa dos séculos XVI, XVII e XVIII*. Coimbra, 1961, Separata de Brasília, vol. XI.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de - *Visão do Paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 4ª ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1985.
- HUMBOLDT, A. - *Personal narrative or travels to the equinoctial regions of America, during the years 1799-1804 by Alexander von Humboldt and Aimé Bonpland*. 3 vols., London, George Bell, 1889.
- JANEIRA, Ana Luísa - *El escenario da naturaleza en los Museos de Historia Natural in Las Ciencias Químicas y Biológicas en la Formación de un Mundo Nuevo*. México D.F., Universidad Autónoma Metropolitana, 1995, 139-147.
- JANEIRA, Ana Luísa - *Jardins do saber e do prazer. Jardins Botânicos*. Lisboa, Edições Salamandra, 1992.
- JANEIRA, Ana Luísa - *Viagem filosófica pelo espaço-tempo dos Jardins Botânicos*. in Ana Maria Alfonso-Goldfarb, Carlos A. Maia (orgs.), “História da ciência: o mapa do conhecimento”, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1995, 543-550.
- JANEIRA, Ana Luísa - *Museus, memória e visibilidade dos saberes*. “Medicamenta, História e Sociedade”, Lisboa, nov. sér., (9), ago.1996, 1-3.
- JANEIRA, Ana Luísa - *Humanismo. Logocentrismo. Etnocentrismo*. “Revista Portuguesa de Filosofia”, Braga, 38 (4) Out.-Dez. 1982, 221-240. Actas do 1º Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia.
- JANEIRA, Ana Luísa (org.) - *Gabinete de Curiosidades*. Lisboa, Centro Interdisciplinar de Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade de Lisboa (CICTSUL), 1999.
- JANEIRA, Ana Luísa; FORTES, Mário - *Floras do Novo Mundo. Curiosidades e Recursos*. Actas do 5º Encontro de Évora de História e Filosofia das Ciências, Évora, Universidade de Évora (no prelo).
- JANEIRA, Ana Luísa; MOURÃO, José Augusto; GUEDES, Maria Estela - *A Paixão do Colecionador: Espaços de Coleção*. In “Encontro sobre Alcipe e as Luzes”, Lisboa, Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 1997, pp. 75-87.
- JOBIM, Leopoldo Collor - *Os Jardins Botânicos e o fomentismo português no Brasil*. “Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica”, São Paulo, 1984.
- LA CONDAMINE Ch.-M. - *Voyage sur l'Amazone*. Paris, Maspero, 1981.
- LIMA, A.P. - *Portugal: a Botânica e a Zoologia*. Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1929.
- LISBOA, Frei Cristóvão de - *Historia dos animaes e arvores do Maranhão*. Lisboa, Arquivo Histórico Ultramarino e Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1967.
- MIRANDA, M.C.T (org.) - *Ciência para os trópicos: Anais do I Congresso Brasileiro de Tropicologia*. Recife, Fundação Joaquim Nabuco-Editora Massangana, 1987.
- MIRANDA, M.C.T. (org.) - *Ciência para os trópicos, I Congresso Brasileiro de Tropicologia: documentação básica*. Recife, Fundação Joaquim Nabuco-Editora Massangana, 1986.
- MIRANDA, M.C.T. (org.) - *Desenvolvimento brasileiro e trópico..* Recife, Fundação Joaquim Nabuco-Editora Massangana, 1985.
- MORAIS, Frederico - *Reescrevendo a História da Arte Latino-Americana* <http://w1.461.telia.com/~u46103777/Textos/hcas/h23/Morais.html>
- MOREIRA, Ildeu de Castro – *O escravo do Naturalista*. “Ciência Hoje”, Rio de Janeiro, 31, (184), jul. 2002, 40-48.
- RIBEIRO, J.S. - *Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos nos sucessivos reinados da Monarquia*. 18 vols. Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1871-1893.
- S.L., S.D., MSI.II, 33,17,14 apud Leopoldo Collor Jobim, *Os Jardins Botânicos e o fomentismo português no Brasil*. “Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica”, São Paulo, 1984.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da - *A Cultura Luso-Brasileira. Da Reforma da Universidade à independência do Brasil*. Lisboa, Editorial Estampa, 1999.
- SIMON, William Joel Simon - *Scientific Expeditions in the Portuguese Overseas Territories (1783-1808) and the role of Lisbon in the Intellectual-Scientific Community of the late Eighteenth Century*. Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1983.
- SIMPSON, G.G. - *Princípios de taxonomia animal*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.
- <http://www.triplov.com>
- TOLLENARE, L.-F. - *Notes dominicales prises pendant un voyage en Portugal et au Brésil en 1816, 1817 et 1818*. 2 vols., PUF, 1971-1972.
- VANDELLI, Domingos, “Memorias Inéditas”. Lisboa, Biblioteca da Ajuda, c.54-V-14, , s.d., ms..
- VANDELLI, Domingos, “Relação da origem, e estado presente do Real Jardim Botânico, Laboratório Chymico, Muséu de História Natural, e Caza do Risco”, Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Archivo do Ministério do Reino, Masso 444, c.1.54.103, s.d., ms..
- VITERBO, S. - *A jardinagem em Portugal: apontamentos para a sua história*. 2 vols., Coimbra, Imprensa da Universidade, 1908-1909.⁵

NOTAS

¹ Luiz de Castro FARIA – *Um outro olhar. Diário da Expedição à Serra do Norte*. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul Editora, 2001.

² Frederico Morais - *Reescrevendo a História da Arte Latino-Americana*, no site <http://w1.461.telia.com/~u46103777/Textos/hcas/h23/Morais.html>

³ Site do Instituto Itaú Cultural.

⁴ Nereide Schilaro Santa Rosa - *Cidades e Florestas: os artistas viajantes entre os séculos XVII e XIX*. Rio de Janeiro, Edições Pinakothek, pp.10-13